

Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)

Qualidade e Políticas Públicas na Educação

6

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 6 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-013-1

DOI 10.22533/at.ed.131181912

1. Aprendizagem. 2. Educação e estado. 3. Prática pedagógica.
4. Professores – Formação. I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As práticas pedagógicas ou práticas docentes significam o trabalho que professores realizam com crianças, adolescentes, adultos e idosos, nas salas de aula ou em espaços pedagógicos diversos. Na prática o professor poderá assumir perspectivas bem diferentes daquelas que estão preconizadas na legislação educacional e naquilo que ele aprendeu em sua formação inicial.

A prática pedagógica envolve o conhecimento teórico das áreas disciplinares, mas vai além, como demonstram os artigos contidos neste volume. As práticas envolvem também a organização do espaço pedagógico, o planejamento das atividades que serão realizadas, a relação professor e alunos, alunos e alunos, a avaliação como meio de aprendizagem, o acompanhamento realizado por coordenadores pedagógicos junto aos professores.

Em se tratando da utilização de materiais pedagógicos, alguns artigos abordam que o jogo é o principal recurso no processo do desenvolvimento psicossocial do sujeito de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, a prática docente que tende a valorizar e a respeitar os conhecimentos elaborados pelo próprio aluno, efetiva-se mediante diferentes registros (desenhos, relatos, textos e cálculos), mediante a adoção de materiais didáticos diversificados (ábacos, material dourado, sólidos geométricos, embalagens, palitos de sorvete, tampinhas de garrafas, calculadora, computadores, entre outros).

Uma prática fundamentada no conhecimento teórico e alinhada com a utilização de recursos pedagógicos é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos desde que mediada pela ação docente.

Marcia Aparecida Alferes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A GESTÃO PEDAGÓGICA COM FOCO NA QUALIDADE DO ENSINO: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS DE AÇÃO FRENTE ÀS DIFICULDADES DA LEITURA – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Maria das Graças da Silva Reis</i> <i>Lúcia Torres de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819121	
CAPÍTULO 2	14
A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O EIXO DA GEOMETRIA	
<i>Leila Pessôa Da Costa</i> <i>Regina Maria Pavanello</i> <i>Sandra Regina D’Antonio Verrengia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819122	
CAPÍTULO 3	25
A PRÁTICA DO JORNAL ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL DE FUTUROS EDUCADORES	
<i>Renata de Oliveira Sbrogio</i> <i>Maria da Graça Mello Magnoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819123	
CAPÍTULO 4	40
ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA PARA A PERMANÊNCIA E A CONCLUSÃO COM ÊXITO DOS ESTUDANTES DO CAMPUS PARNAMIRIM/IFRN	
<i>Vânia do Carmo Nóbile</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819124	
CAPÍTULO 5	58
ANÁLISE DE LITERATURA INFANTIL: PERSPECTIVAS PARA TRABALHO EM SALA	
<i>Bianca de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819125	
CAPÍTULO 6	66
AS DIFERENÇAS E A SALA DE AULA: DESAFIOS DO PROFESSOR	
<i>Anderson dos Reis Cerqueira</i> <i>Ualace Roberto de Jesus Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819127	
CAPÍTULO 7	73
AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS EM MATEMÁTICA DOS ALUNOS DE PRIMEIRA SÉRIE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO RN	
<i>Elcio Correia de Souza Tavares</i> <i>Ângela Maria Ribeiro de Lima Farias</i> <i>Graziella Nonato Tobias Duarte</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819128	

CAPÍTULO 8 81

ATRIBUIÇÕES, DIFICULDADES E SATISFAÇÃO DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS DE UM MUNICÍPIO CEARENSE

Gleíza Guerra de Assis Braga
Antonio Nilson Gomes Moreira
Glaucia Mirian de Oliveira Souza Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.1311819129

CAPÍTULO 9 94

BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM E ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DE IMAGENS E TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS EM ASTRONOMIA

Erica de Oliveira Gonçalves
Marinês Verônica Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.13118191210

CAPÍTULO 10 104

COMO CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA DE CRIANÇAS NEGRAS ENQUANTO EDUCADOR BRANCO

Thais Stefani Donato Lima
Kênia Kemp

DOI 10.22533/at.ed.13118191211

CAPÍTULO 11 121

CRIANÇAS DA NOVA ERA - UMA VISÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO

Irani Campos Marchiori
Virgínia de Mauro Faccio Gonçalves Dias

DOI 10.22533/at.ed.13118191212

CAPÍTULO 12 131

CURRÍCULO E PLANEJAMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Darlan Daniel Marcelino de Campos Pereira
Fabiana Meireles de Oliveira
Fatima Ramalho Lefone
José Aluísio Vieira
Mirian Nere
Rodrigo Leite da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191213

CAPÍTULO 13 135

DIVERSIDADE ÉTNICA BRASILEIRA: COMUNIDADE RIBEIRINHA ROSA DE SARON, AM

Germana Ponce de Leon Ramírez
Ariana Dias Machado Tavares Alves
Suellen Contri Mazzo
Vanessa Pires Rocha Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.13118191214

CAPÍTULO 14 145

ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS PARA A SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL

Veruska Ribeiro Machado
Rosa Amélia Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191215

CAPÍTULO 15	163
EXERCÍCIO DOCENTE NA PRISÃO POR PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO: FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO	
<i>Andressa Baldini da Silva</i> <i>Marieta Gouvêa de Oliveira Penna</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191216	
CAPÍTULO 16	175
INTERDISCIPLINARIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO PROEJA DE TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES	
<i>Láisse Silva Lemos</i> <i>Carmencita Ferreira Silva Assis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191217	
CAPÍTULO 17	183
INTERFACE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Edson Manoel dos Santos</i> <i>Ana Paula Pacheco Moraes Maturana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191218	
CAPÍTULO 18	198
JOGO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVER AÇÕES AFIRMATIVAS NO ATO DE ENSINAR	
<i>Isabela Natal Milak</i> <i>Sonia Regina Silveira Gonçalves</i> <i>Vidalcir Ortigara</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191219	
CAPÍTULO 19	213
MATERIAIS ACESSÍVEIS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	
<i>Danielle Rodrigues Monteiro da Costa</i> <i>Airton dos Reis Pereira</i> <i>Mirian Rosa Pereira</i> <i>Elzonete Silva Cunha</i> <i>Odinete Dias Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191220	
CAPÍTULO 20	222
O LADO COLORIDO DA PROGRESSÃO CONTINUADA	
<i>Vicente de Paulo Morais Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191221	
CAPÍTULO 21	233
O QUE DEVE SER MUDADO NA NOSSA DIDÁTICA PARA ATENDER O ALUNO ATUAL DA ESCOLA?	
<i>Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral Brunatti</i> <i>Alessandra de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191222	
CAPÍTULO 22	240
O TRABALHO DOCENTE DIANTE DAS ADVERSIDADES: A (IN)DISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Liane Nair Much</i> <i>Weliton Martins da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191223	

CAPÍTULO 23	249
O USO DE JOGOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: UM PANORAMA DAS PESQUISAS BRASILEIRAS	
<i>Talita Silva Perussi Vasconcellos</i> <i>Rosimeire Maria Orlando</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191224	
CAPÍTULO 24	259
PARCERIA DO FONOAUDIÓLOGO NO PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR DO ALUNO SURDO	
<i>Ana Claudia Tenor</i> <i>Débora Deliberato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191225	
CAPÍTULO 25	273
PRÁTICA PEDAGÓGICA: IMPORTÂNCIA MICROBIOLÓGICA DA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS	
<i>Wellington Alves Piza</i> <i>Camila Maria De Souza Silva</i> <i>Rafaela Franco Dias Bruzadelli</i> <i>Leticia Marques Ruzzi</i> <i>Gabriella Ramos de Menezes Flores</i> <i>Poliana de Faria Cardoso</i> <i>Talita Amparo Tranches Candido</i> <i>Caroline de Souza Almeida</i> <i>Ingridy Simone Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191226	
CAPÍTULO 26	277
PRECONCEITO E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: O QUE SINALIZAM ADULTOS SURDOS SENDO ESCOLARIZADOS	
<i>Giselly dos Santos Peregrino</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191227	
CAPÍTULO 27	286
PROCESSOS DE LEITURA EM ESCOLARES: AVALIAÇÃO EM UM CENTRO ESPECIALIZADO EM REABILITAÇÃO CER II/UNESC	
<i>Ana Júlia Rosa</i> <i>Lisiane Tuon</i> <i>Angela Cristina Di Palma Back</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191228	
CAPÍTULO 28	295
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE ESCOLA ESPECIAL E ESCOLA REGULAR	
<i>Juliana Gisele da Silva Nalle</i> <i>Claudionei Nalle Jr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191229	
CAPÍTULO 29	303
SENSIBILIZAR PARA EDUCAR: TRABALHANDO A SENSIBILIZAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
<i>Paulo Ivo Silva de Medeiros</i> <i>Maria Luisa Quinino de Medeiros</i> <i>Leandro dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191230	

CAPÍTULO 30	314
TIPOLOGIA DE ERROS ORTOGRÁFICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
<i>Marília Piazzini Seno</i>	
<i>Thaís Contiero Chiaramonte</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191231	
CAPÍTULO 31	321
UM EXERCÍCIO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO CAMPO DE LETRAS/INGLÊS: CONDUÇÃO E DESDOBRAMENTOS FORMATIVOS	
<i>Vivian Mendes Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191232	
CAPÍTULO 32	328
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO HANDEBOL PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	
<i>Isabella Blanche Gonçalves Brasil</i>	
<i>Eliane Isabel Julião Fabri</i>	
<i>Talita Fabiana Roque da Silva</i>	
<i>Lilian Aparecida Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191233	
CAPÍTULO 33	338
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E A PRÁTICA DOCENTE NÃO INDÍGENA	
<i>Vivian Cristina Balan Fiuza</i>	
<i>Germana Ponce de Leon Ramirez</i>	
<i>Isabella Loreto Viva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191234	
CAPÍTULO 34	348
HISTÓRIA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO CINEMA DE BERNARDO BERTOLUCCI	
<i>José de Sousa Miguel Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191235	
CAPÍTULO 35	357
O ENSINO DE TEATRO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: A METADRAMATURGIA COMO ELEMENTO DE EXPLORAÇÃO DA LINGUAGEM	
<i>Rebeka Carocha Seixas</i>	
<i>Maria Eduarda Oliveira Félix da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191236	
SOBRE A ORGANIZADORA	364

O ENSINO DE TEATRO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: A METADRAMATURGIA COMO ELEMENTO DE EXPLORAÇÃO DA LINGUAGEM

Rebeka Carocha Seixas

IFRN – Campus Parnamirim

Parnamirim – Rio Grande do Norte

Maria Eduarda Oliveira Félix da Silva

IFRN – Campus São Gonçalo do Amarante

São Gonçalo do Amarante – Rio Grande do Norte

RESUMO: O desenvolvimento do ensino de Arte ganhou, nos últimos anos, uma maior representatividade, principalmente pela obrigatoriedade que foi implantada em algumas esferas. Porém, é sabido que nos Institutos Federais, por sua característica de ensino eminentemente técnico, na maioria das vezes, tem deixado para um segundo plano, a disciplina de Artes, principalmente no que diz respeito a abrangência das diferentes linguagens artísticas. O presente artigo, trata de uma análise das experiências desenvolvidas durante o curso da disciplina de Artes III-Teatro no IFRN – Campus São Gonçalo do Amarante destacando a importância do contato dos alunos do ensino médio técnico e tecnológico com as diferentes linguagens artísticas para uma formação mais completa do cidadão e a utilização da metadramaturgia como elemento de exploração da linguagem cênica.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da Arte; Teatro; Instituto Federal; Metadramaturgia; Linguagens

Artísticas.

1 | INTRODUÇÃO

O ensino da arte vem passando por diversas mudanças ao longo dos anos, principalmente após a instituição em 18 de agosto de 2008 da Lei 11.769 (BRASIL, 2008) que tornou obrigatório, mas não exclusivo, o ensino de música e, mais recentemente, em 23 de fevereiro de 2016, a aprovação da proposta que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996). O texto da proposta de alteração da lei indica que a música, o teatro, as artes visuais e a dança passem a compor o componente curricular obrigatório do ensino de artes. Essa obrigatoriedade visa, entre outras coisas, proporcionar ao aluno o contato com as diferentes linguagens artísticas.

Mais recentemente, a Reforma do Ensino médio coloca aos professores de Arte novos desafios. É importante frisar que a disciplina de Arte, juntamente com outras disciplinas, foi excluída das disciplinas obrigatórias do Ensino Médio, segundo um dos primeiros textos da Reforma. Só após alguns protestos e reivindicações é que a disciplina voltou a integrar a base comum obrigatória do curriculum, sem levar em conta as diferentes linguagens

artísticas e suas complexidades. Dessa forma, podemos dizer que houve um significativo retrocesso no que diz respeito ao papel da arte no ensino médio. Os Institutos ainda estão em período de adaptação a nova Reforma, porém, sabemos que, a forma como a arte foi tratada desde o início da constituição do texto deste documento, faz com que, alguns gestores que já não entendiam a arte como conhecimento indispensável para os alunos, agora terão mote para questionar e reduzir a carga horária da disciplina.

No presente artigo, discutiremos o dinâmica da disciplina de Arte III-Teatro no IFRN, Campus São Gonçalo do Amarante ainda levando em consideração a estrutura atual, que não foi alterada a luz da Reforma do Ensino Médio. É importante frisar que estamos no campo das incertezas e dependendo da forma como a administração do IFRN vai olhar para tal disciplina. Diferentes situações já nos foram postas, como: diminuição de carga horária, diminuição de professores por Campus, inserção da disciplina no contraturno. São vários os cenários que demonstram com a disciplina, de forma genérica, é desvalorizada pela comunidade acadêmica do IFRN.

No Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), o campus Natal Central, durante anos, foi o único que possuía professores de diferentes linguagens artísticas, entre elas: música, artes visuais e teatro. Após o ano de 2011, com a expansão do IFRN, os *campi* do interior que atualmente somam 18 *campi* e que até então possuíam apenas um professor de Arte foram, aos poucos, ganhando o segundo professor, porém, mesmo com essa ampliação do número de professores a linguagem da dança não é contemplada nessa expansão.

É importante destacar que a disciplina Arte no IFRN se divide em três semestres, com carga horária semanal de duas hora/aula. Levando em consideração a existência de apenas dois professores de Arte, com formação em linguagens distintas, por campus e visando o maior contato dos alunos com diferentes linguagens artísticas, alguns professores, em diferentes *campi* optaram então por dividir a disciplina Arte da seguinte forma: Arte I, que seria a disciplina introdutória onde o aluno teria contato com a arte de forma mais ampla, em seus aspectos de fruição, apreciação estética, bem como, uma breve introdução a História da Arte; Arte II, específica e que compreende uma das linguagens artísticas, a depender da formação dos professores de Arte que estão lotados no campus e Arte III, que também é específica a depender da formação do professor lotado no campus.

No caso específico do campus do IFRN de São Gonçalo do Amarante, temos: Arte I, que diz respeito a Introdução a Estética e a História da Arte de forma ampla; Arte II, que contempla o conteúdo da área específica de música e Arte III, que contempla a área de teatro. Tal divisão possibilita ao aluno o contato com algumas das linguagens artísticas de forma mais específica, bem como, perceber a importância de tal conhecimento em suas diversas possibilidades.

A metodologia utilizada será o relato de experiência, onde descreveremos as práticas desenvolvidas na disciplina Arte III, que se refere especificamente ao Ensino de Teatro, desenvolvida no Campus do IFRN de São Gonçalo do Amarante.

2 | O TEATRO EM SALA DE AULA E A METADRAMATURGIA

A disciplina Arte III, especificamente no campus do IFRN de São Gonçalo do Amarante, é desenvolvida no último semestre da disciplina de Arte. Por se tratar do último semestre da disciplina de Arte os alunos já possuem uma maturidade maior no contato com tal linguagem artística, o que torna o trabalho muito mais produtivo. Um semestre é composto por dois bimestres e, dessa forma, é desenvolvido no início do primeiro bimestre uma introdução ao teatro e aos elementos da linguagem, com auxílio de livros, vídeos e fotografias, com o objetivo de proporcionar ao aluno uma ampliação de referências e de informações sobre a linguagem artística em questão.

Ainda no início do semestre é solicitado do aluno que faça um projeto de um pequeno esquete que será apresentado como uma das formas de avaliação ao final do primeiro bimestre da disciplina. As etapas do projeto são apresentadas e explicadas para o aluno para que ele, em grupo, possa pensar em possibilidades de produção artística. A escolha da temática é livre e todos os alunos devem estar em cena em alguma parte do esquete. O objetivo é fazer com que todos os alunos passem pela experiência de estar em cena, mesmo que seja por pouco tempo.

No caso específico do primeiro semestre de 2016, o desenvolvimento do projeto de pesquisa “Metadramaturgia e escrita performática na obra dramática de Nikolai Gógol”, que foi desenvolvido no campus, paralelo a minha pesquisa doutoral, desenvolvemos um trabalho que levou em consideração a exploração da metadramaturgia como mote para que os alunos pudessem abordar questões referentes aos elementos da linguagem dentro do seu próprio texto do esquete a ser montado.

Segundo as nossas pesquisas:

O estudo sobre metadramaturgia objetiva compreender de que forma se estruturam as peças que abordam o exercício da dramaturgia, bem como seus elementos. A metadramaturgia se configura como uma subcategoria do metateatro, que tem como base, segundo nossos estudos, os seguintes elementos: aspecto citacional, teatralidade, desnudamento dos códigos da linguagem dramática, autocrítica, personagens autônomas, autorreferencialidade, consciência dramática dos personagens e quebra com o ilusionismo da cena. Esses elementos podem ser aplicados no estudo de obras (SEIXAS, 2016).

A exploração de tais elementos na construção dos textos dos esquetes promove uma maior reflexão sobre os elementos da linguagem cênica e suas possibilidades de desenvolvimento na prática dos alunos. Assim, a metadramaturgia, se apresenta como uma forma aproximar os alunos de questões mais específicas da linguagem.

A passagem pela experiência cênica, além de aproximar o aluno da linguagem artística, fazendo-o conhecer seus elementos e história, proporciona também uma maior segurança em situações de exposição de ideias, apresentações de seminários, abrangendo outras áreas de atuação do aluno (MACHADO, 2006). Dessa forma, segundo os próprios relatos dos alunos, tal aprendizado é muito significativo para o

desenvolvimento de sua postura frente a situações que exijam exposição diante de um determinado público. Além do conhecimento de questões de produção artística e cênica.

Ao final do primeiro bimestre a apresentação do esquete é feita apenas para a turma, que é levada a refletir sobre sobre questões cênicas. Os demais alunos avaliam a atuação dos alunos/atores, sobre questões de cenografia, dramaturgia, maquiagem. Esse debate sobre cada esquete faz com que os alunos reflitam sobre os elementos da linguagem e sobre o seu próprio trabalho na montagem de esquetes. Textos metadramatúrgicos de Nikolai Gógol e Luigi Pirandello serviram como base para essas explorações cênicas.

Em *À saída do teatro depois da representação de uma nova comédia*, escrita em 1842 por Nikolai Gógol, temos alguns exemplos que puderam ser utilizados pelos alunos. Nesse sentido, podemos citar um trecho da fala do personagem “O Primeiro” que faz considerações sobre o enredo da peça *O inspetor geral*:

Não sou eu quem vai afirmar, agora, se na peça há enredo ou não. Eu só digo que, geralmente, busca-se um enredo mais pessoal, e ninguém quer ver a trama geral. As pessoas simples já se habituaram a esses relacionamentos amorosos e casamentos, sem os quais uma peça não pode terminar, de jeito nenhum. Claro que isso é o enredo; mas que enredo? O mesmo que um nó no canto de um lenço. Não, a comédia tem de enfeixar-se por si mesma, com todo o seu conteúdo formando um grande e único nó. O enredo deve abranger todas as personagens, e não uma ou duas. Deve tocar naquilo que emociona, mais ou menos, a todos os atuantes. E assim, todos são protagonistas; o curso e o andamento da peça derivam do funcionamento de toda a máquina: nenhuma roldana deve ficar enferrujada e fora de funcionamento (GÓGOL, 2009, p. 342).

Esse trecho, é apenas um dos exemplos de como a metadramaturgia reflete sobre os elementos da linguagem cênica e pode servir para que os alunos tenham mais proximidade com a linguagem. É importante destacar que no IFRN – Campus São Gonçalo do Amarante ainda não contamos com um espaço específico e equipado para a disciplina de Arte o que inviabiliza muito os ensaios, as apresentações e as oficinas que são desenvolvidas ao longo do semestre.

Ao longo do segundo bimestre o aluno é levado a conhecer o universo do teatro brasileiro e potiguar, visando conhecer melhor o teatro que é produzido em seu próprio país e em seu próprio estado. Nesse bimestre é apresentado ao aluno uma lista de textos clássicos para que ele, juntamente com um grupo de mais cinco alunos, possa escolher quais desses textos eles vão apresentar ao final do bimestre. A partir da escolha o aluno é incentivado a escrever um projeto onde ele sintetize de que forma pretende desenvolver sua montagem. Neste momento, elementos com cenário, figurino, maquiagem, iluminação entre outros são pensados pelo grupo para que possam começar a desenvolver seus ensaios. Aqui, pudemos perceber, que o trabalho com a metadramaturgia, no primeiro bimestre, favoreceu uma maior clareza dos elementos da linguagem e suas funções. A prática da linguagem cênica possibilita também, o contato com autores clássicos, como é o caso de Willian Shakespeare,

Federico Garcia Lorca, Nelson Rodrigues, Ariano Suassuna, entre outros.

A partir da escolha do texto e da definição do projeto os ensaios começam a se desenvolver com a supervisão do professor. A cada dez ensaios o professor faz uma intervenção a fim de discutir e sugerir os rumos que a peça está tomando, esses contatos são importantes para que haja orientações e para que o professor possa auxiliar em questões de encenação que vão surgindo ao longo do processo de montagem. Nessas intervenções feitas pelo professor, os elementos da linguagem teatral vão sendo compreendidos com mais detalhes pelos alunos e as encenações vão ganhando corpo. Ao longo do bimestre, pelo menos dois ensaios abertos são feitos para toda a turma com o objetivo de fazer com que os alunos critiquem o trabalho dos colegas e sejam criticados também. Esse exercício de intervenção crítica é de extrema importância para os alunos uma vez que os mesmos são obrigados a refletir sobre o seu próprio trabalho e o trabalho do outro, ao mesmo tempo que o aluno se expõe ele também vê o colega se expondo e dessa forma um aprende com um outro em um exercício de crescimento e de aprendizado constante.

Os ensaios geralmente ocorrem em horário inverso ao horário de estudos dos alunos, dessa forma, o horário regular de aula pode ser usado para trabalhar conteúdos da linguagem teatral. Textos, vídeos e imagens são levados para a sala de aula a fim de ajudar os alunos nas elaborações de seus espetáculos. É importante destacar que a carga-horária de duas hora/aula semanais é muito baixa para o conteúdo da disciplina, quatro hora/aula semanais possibilitaria um maior resultado levando-se em consideração que a disciplina é teórico/prática.

Ao longo dos dois bimestres da disciplina de Arte III os alunos são incentivados a assistir pelo menos dois espetáculos que estejam ocorrendo na cidade e apresentar um relatório sobre eles. Acredita-se que o contato com os espetáculos, que muitos dos alunos nunca tiveram durante a vida, possibilita a formação de plateia, o aperfeiçoamento do gosto estético dos alunos, o contato com a cultura de forma mais ampla, o desenvolvimento do gosto pela arte, além de ajudar no projeto cênico que os alunos desenvolvem durante a disciplina.

Ao longo do semestre o aluno é avaliado a partir de provas escritas, sobre o conteúdo e livros trabalhados ao longo do bimestre, relatório sobre os espetáculos assistidos, desempenho durante os ensaios abertos, projeto artístico e encenação final.

Percebe-se que tal trabalho de prática artística desenvolvido com o aluno é de extrema importância para o crescimento do mesmo enquanto ser humano capaz de refletir, analisar, pensar, criar, expor e organizar suas ideias. Os relatos dos alunos ao final da disciplina refletem o quanto eles se surpreendem consigo mesmos pelo seu desempenho e produção durante a disciplina. Dito isto, acreditamos também que o teatro no Brasil

[...] só apresentará um nível profissional elevado na medida em que houver um público culturalmente maduro para assisti-lo e sustentá-lo. E este só poderá formar-se numa experiência educacional integradora que inclua a aprendizagem da relação arte/vida. De nada adianta a instalação de cursos superiores de arte dramática se essa dimensão não se fizer presente em todos os níveis do processo educativo (CHAVES *apud* REVERBEL, 1979, p. IX).

A importância do papel do ensino do teatro para a formação de público e de profissionais da área é indispensável e para tanto, faz-se necessário um olhar atento para a formação do aluno nas diversas esferas de ensino.

3 | CONCLUSÃO

Ao final da disciplina, enquanto professora, fica a certeza da importância da disciplina de Teatro para o crescimento intelectual dos alunos, como também, a necessidade de se refletir sobre a ausência das demais linguagens artísticas na formação dos alunos. No campus de São Gonçalo do Amarante os alunos têm contato com a linguagem da Música e do Teatro de forma mais específica, porém as linguagens da Dança e das Artes Visuais estão em déficit no curriculum de tais alunos. Ou seja, apesar das evoluções alcançadas pela inclusão de duas linguagens artísticas no currículo dos alunos, o déficit ainda continua grande, levando-se em consideração que o aluno não terá o contato com outras linguagens extremamente importantes para o seu desenvolvimento humano e intelectual.

Entendemos também, que o estudo da metadramaturgia, no primeiro bimestre, como forma de aproximar os alunos da linguagem cênica e seus elementos constituintes, teve resultados satisfatórios, uma vez que, nas produções do segundo semestre os alunos demonstraram muito mais domínio sobre os diferentes aspectos do teatro.

Faz-se necessário dessa maneira que sejam pensadas formas de se tornar efetiva a obrigatoriedade das diferentes linguagens artísticas no currículo dos alunos do ensino médio técnico e tecnológico, bem como, o aumento da carga-horária da disciplina afim de compreender essas diferentes linguagens e o aumento do número de professores de Arte nos Institutos Federais. Dessa forma, visando abarcar as diferentes linguagens, seriam necessários quatro professores de Arte por campus, como também, que a disciplina compreendesse o período de quatro semestres, para que, dessa forma, os alunos pudessem ter contato com cada uma das grandes áreas artísticas, Dança, Teatro, Artes Visuais e Música, em cada semestre.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. **Diário Oficial da União**. Brasília: Presidência da República, 2008.

COURTNEY, R. **Jogo, teatro e pensamento**: as bases intelectuais do teatro na educação. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRASIL. LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2015.

GÓGOL, N. **Nikolai Gógol**: teatro completo. Organização, tradução, prefácio e notas de Arlete Cavaliere. São Paulo: Ed. 34, 2009.

MACHADO, M.A.D.A.P. O processo de criação do ator: uma perspectiva semiótica. In: **Memórias ABRACE IX**: Metodologias de Pesquisa em Artes Cênicas. Organização CARREIRA, André *et al.* Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Rio de Janeiro: 7letras, 2006. p. 92 – 104.

REVERBEL, Olga. **Teatro na sala de aula**. 2ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

SEIXAS, Rebeqa Carocha. **Metadramaturgia e escrita performática na obra dramatúrgica**. Tese (Doutorado). Rio Grande do Norte: UFRN – Centro de Ciências Humanas, 2016.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo, 1985.

SOBRE A ORGANIZADORA

Marcia Aparecida Alferes - Licenciada em Pedagogia e Especialista em Gestão da Educação pela Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibaiti (2004, 2005). Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2009, 2017), na linha de pesquisa "História e Política Educacionais". Atuou durante 10 anos como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sete anos como docente no Ensino Superior. Trabalha com as temáticas inseridas na área de Política Educacional e Gestão Escolar, atuando nos seguintes temas: análise de políticas educacionais; alfabetização e letramento; formação de professores; gestão democrática. Atualmente é pedagoga da rede de ensino do Estado do Paraná e professora na Faculdade de Ciências, Educação, Saúde, Pesquisa e Gestão – CENSUPEG, pólo de Ponta Grossa/PR.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-013-1

